

**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento da pedra fundamental da planta de polipropileno da Petroquímica Paulínia S.A.**

**Paulínia-SP, 02 de fevereiro de 2007**

Senhor vice-governador do estado de São Paulo, Alberto Goldman,  
Senhor ministro das Cidades, Márcio Fortes,  
Senhor ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais, Tarso Genro,  
Nossa querida Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,  
Deputado Carlos Zarattini,  
Meu caro companheiro Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,  
Meu caro Edson Moura, prefeito de Paulínia,  
Meu caro José Carlos Grubisich, presidente da Braskem,  
Meu caro Luiz de Mendonça, presidente do Conselho da Petroquímica Paulínia,  
Meus amigos, minhas amigas,  
Trabalhadores,  
Jornalistas,

Essa é uma pedra fundamental atípica, porque ao lançarmos a pedra fundamental hoje, nós já saímos daqui com o compromisso de voltar em abril para inaugurar a fábrica. Portanto, já tem data para a gente inaugurar essa empresa.

Mas o que é importante é que o lançamento dessa pedra fundamental de uma nova fábrica de polipropileno vai muito além do ato simbólico que marca o início de uma obra. Aqui, o público e o privado se deram as mãos para atender demandas reais da sociedade brasileira. Ao lado da Refinaria do Planalto, Braskem e Petroquisa, subsidiária da Petrobrás, se juntaram na construção de uma indústria – a Petroquímica Paulínia – que vai produzir, distribuir e vender polipropileno no Brasil e no exterior.

É importante registrar que o contrato entre as duas empresas foi firmado em setembro de 2005, quando já estava clara, na cabeça de muitos empresários, a possibilidade de recuperação econômica do nosso País. E o aumento firme do consumo, por toda a população, revelava a recuperação do salário, o crescimento do emprego, o

controle da inflação, a diminuição da pobreza e a melhoria da distribuição de renda.

Por esses indicadores, os empresários entenderam que era necessário ter oferta para se antecipar à inevitável demanda, principalmente de um produto que, atualmente, está em praticamente tudo que a gente compra. Ou seja, a resina plástica também serve como indicador do acesso cada vez maior de todas as camadas da população aos bens de consumo. De fato, nos últimos anos, o consumo anual per capita de todos os tipos de plástico aumentou mais de 10%, e o de polipropileno mais de 15%.

Bem, feitas as contas, tudo indica que, de três em três anos, quem sabe no máximo de quatro em quatro, o Brasil vai necessitar de uma nova fábrica como esta, no mínimo com capacidade de produzir cerca de 300 mil toneladas por ano.

Temos certeza de que o empresariado investirá cada vez mais para suprir essa demanda crescente, certamente construindo fábricas próximas às subsidiárias da Petrobrás, que fornecem o propeno para a produção do polipropileno. São indústrias que – como os senhores e as senhoras sabem – têm condições de gerar extraordinário valor agregado à sua produção. No caso desta unidade, as exportações deverão atingir 41 milhões de dólares por ano.

Meus amigos e minhas amigas,

O governo, considerando a importância estratégica da construção desta fábrica, a integrou ao Plano de Aceleração do Crescimento, no âmbito dos investimentos da Petrobrás. Ela passa agora a ter prioridade na sua execução e no cumprimento do seu cronograma. E, se Deus quiser, como eu avisei, em abril, estarei de volta para inaugurá-la.

Os recursos e os benefícios sociais envolvidos na construção desta nova unidade de produção de polipropileno são enormes. Serão investidos cerca de 740 milhões de reais, dos quais mais de 82% na execução de serviços e na aquisição de equipamentos no Brasil. O BNDES está financiando 67% desta obra.

É preciso destacar também que, durante as obras, serão gerados 1.500 empregos diretos e mais de 4.500 empregos indiretos. E quando a unidade estiver funcionando, além dos duzentos funcionários fixos necessários à sua operação, uma nova cadeia fabril se formará em torno dela, possibilitando, para a alegria do prefeito de Paulínia, pelo menos mais uns 20, 25 mil empregos na região, empregos que, eu espero, sejam formais, com carteira profissional assinada e tudo mais que os trabalhadores terão direito.

Quero destacar que a Petrobrás vai investir exatos 3 bilhões e 100 milhões de

dólares até 2011 em projetos do ramo petroquímico, alguns deles em associação com o setor privado, como este que estamos hoje participando da pedra fundamental. Não há dúvida de que a Petroquímica é uma indústria de base fundamental para o crescimento do nosso Brasil.

São muitos os investimentos nesse campo. Vamos desenvolver o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, que é, possivelmente, o maior investimento do setor para os próximos anos. A Companhia Petroquímica de Pernambuco vai produzir resina de poliéster e pet, com início previsto para 2009. O Complexo Acrílico de Minas Gerais também contará com a associação da Petroquisa e com a iniciativa privada. A própria Braskem deverá participar de mais um projeto, dessa vez na querida Bahia, onde mora o nosso querido Emílio, e a Companhia Suzano, associada ao BNDES e à Petroquisa, deverá ampliar os investimentos na Rio Polímeros.

Todos esses projetos, construções e ampliações, são prioritários para o desenvolvimento do Brasil. Por isso, estão no Programa de Aceleração do Crescimento, que dá prioridade e condições efetivas de execução, garantindo o maior crescimento da nossa economia, cada vez com mais empregos, oportunidades de trabalho e geração de renda e justiça social.

O que é importante, meu caro José Sérgio Gabrielli, meus caros dirigentes da Braskem, meu caro Alberto Goldman, vice-governador, é que depois de longos e longos anos, praticamente 26 anos, em que a economia brasileira esteve de forma acanhada, ora por crises econômicas, ora por crises políticas, nós entramos em 2007 numa situação que há muitos e muitos anos o Brasil não vivia. Estamos numa situação em que podemos anunciar à sociedade brasileira o Programa de Aceleração da Economia, onde estão previstos, entre o governo e as empresas, praticamente um investimento de 504 bilhões de reais em 4 anos. Se for verdade a teoria de que para cada real que o governo colocar e a empresa pública colocar, se a iniciativa privada colocar um real, significa que nós poderemos chegar a 1 trilhão de investimentos nos próximos anos.

E isso se faz necessário no momento em que o Brasil está com a sua macroeconomia consolidada, em que os números todos são extremamente favoráveis. Ainda ontem eu recebi um informe do Ministério da Indústria e Comércio, e enquanto alguns diziam que as exportações brasileiras iriam cair este ano, em janeiro, outra vez, nós batemos um novo recorde nas nossas exportações, ultrapassando a casa dos 10 bilhões de reais, com uma coisa importante também, aumentando as importações, para a alegria daqueles que acham que o câmbio precisa ter um certo ajuste. E uma das formas

de ajustar o câmbio é exatamente aumentando as importações. Eu espero que o crescimento das importações tenha se dado exatamente em setores que possam significar aprimoramento tecnológico da indústria nacional, importando aquilo que nós não produzimos, aquilo que falta, para que a gente possa se equipar melhor do ponto de vista tecnológico.

Eu, este ano, vou viajar o Brasil mais do que já viajei em qualquer outro momento, porque o acompanhamento do PAC será feito cotidianamente. Nós teremos um calendário de cada obra, de cada dificuldade, de cada licenciamento prévio, de cada dia de atraso, porque eu aprendi, nos primeiros quatro anos de mandato, que se o presidente da República não tiver tomando conta do rebanho, a gente pode ver as reses se perderem por esse imenso território de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados.

Todo mundo aqui sabe e, se conversarem com qualquer presidente da República ou qualquer governador de estado, e até com qualquer prefeito deste País, certamente vocês vão ouvir que muitas vezes se decidem as coisas, se anunciam as coisas e elas não acontecem. E é verdade. E não acontecem, muitas vezes, porque até em legislação, neste País, tem coisas que impedem, tem um tempo para se fazer as coisas, tem uma máquina pública poderosa, competente, mas cumpridora de uma legislação muitas vezes rígida demais. Quem trata de grandes investimentos aqui sabe as dificuldades que nós temos, muitas vezes, para resolver determinados problemas. Tudo isso terá um acompanhamento “pente fino” e é por isso que nós utilizamos a palavra destravamento deste País.

A verdade nua e crua é que o País tem que ser destravado, o estados têm que ser destravados, as prefeituras têm que ser destravadas, porque entre a vontade de fazer e acontecer, tem um caminho burocrático infundável em que, muitas vezes, um prefeito anuncia uma obra, termina o mandato e a obra não começa. Nós, então, resolvemos assumir a responsabilidade disso fazendo com que o Congresso Nacional seja o nosso parceiro para que a gente possa destravar e os empresários sejam os nossos parceiros para ajudar a convencer as pessoas que precisam destravar este País.

Aqui, os grandes empresários que cuidam de energia, sabem perfeitamente bem que entre a gente decidir fazer uma hidrelétrica e começá-la, leva muito tempo. Leva tempo, às vezes, até demais, por nuances jurídicas, por problemas ambientais, por problemas de muitos órgãos envolvidos na liberação, na autorização. E tudo isso nós colocamos no PAC como compromisso do governo resolver para que este País saía do patamar de crescimento de 2%, 2,5%, 3%, e entre definitivamente num crescimento de

5%, de mais de 5%, porque essa é a vocação do Brasil.

Se vocês analisarem que nós estamos em 2007 e que a economia brasileira vem capengando desde 1980, significa que nós temos algumas gerações no Brasil pelo menos uma geração e meia, que não tiveram o prazer ainda de ver o País crescer, como eu vi o Brasil crescer 8%, como eu vi o Brasil crescer 13%, como eu vi o Brasil crescer, em média, 10%.

Qual é o desafio que está colocado para nós, agora, neste momento? É que houve momentos em que o Brasil cresceu 13,94%, em 1973, no auge do milagre brasileiro, mas a inflação também era muito alta. Houve um momento em que nós crescemos, em média, 7%, de 1956 a 1961, no governo Juscelino Kubitschek, mas a inflação era, em média, 23%. E nesses dois auges do crescimento da economia brasileira, o salário mínimo decrescia, não acompanhava o crescimento da economia.

Nesse momento, nós queremos provar ao Brasil e ao mundo que é possível crescer com inflação baixa, que é possível aumentar as exportações sem asfixiar o mercado interno, que é possível aumentar a demanda de consumo dos brasileiros sem retornar a inflação, e que é possível a gente continuar aumentando a renda dos mais pobres deste País, porque crescimento para alguns é apenas um número fictício de uma estatística, para mim, o crescimento simboliza pura e simplesmente a melhoria da qualidade de vida de homens e mulheres deste País. É para isso que importa o País crescer, é para isso que justifica todo o sacrifício que nós vamos fazer. E é para isso que nós queremos contar com trabalhadores e com empresários, porque essa parceria entre trabalhadores e empresários pode canalizar a classe política brasileira a deixar brigas menores entre partidos e entre personalidades e assumir um compromisso com este País.

O PAC não é um projeto do presidente Lula, o PAC não é uma necessidade do governo, o PAC é uma necessidade deste País, e o PAC é um projeto que tem começo, meio e fim. É um projeto que vai ser fiscalizado não apenas pelo governo, mas por um conselho gestor criado pelo governo. Ainda ontem, com a Abdib, eu pedi para que eles montassem um grupo de trabalho também para fiscalizar, porque o que nós queremos, na verdade, é dizer ao Brasil que esse Programa de Aceleração do Crescimento não é apenas de interesse do governo, é de interesse da sociedade brasileira, sobretudo daqueles jovens que ainda não adentraram o mercado de trabalho porque, depois que a economia voltar a crescer de forma vigorosa, serão os jovens brasileiros os grandes beneficiários.

Dentro do PAC está a história do pólo petroquímico porque o Brasil não pode ter

a indústria petroquímica como um apêndice do seu modelo de política industrial. O Brasil precisa ter consciência de que nós temos condições, e é muito importante a nossa querida Petrobras assumir essa responsabilidade, não de querer controlar todo o setor, mas de querer ser a peça indutora do crescimento desse setor, porque o Brasil pode ser um dos países de maior potência na indústria petroquímica do mundo. Nós temos tecnologia, temos empresários com competência e temos a Petrobras, que é um centro de excelência para fazer as parcerias, participando ora como sócio minoritário, ora como parceiro em igualdade. Em alguns casos ela vai ser majoritária, mas a Petrobras tem que ter noção da sua grandeza, da sua missão, e a Petrobras, José Sérgio, não pode ter medo de competir e de entrar em nenhum projeto, desde que o resultado seja o benefício para o nosso País.

Eu estou otimista com o pólo petroquímico, acho que nós vamos definir uma política definitiva na indústria petroquímica para o Brasil, para que o Brasil tenha uma dimensão na indústria petroquímica como ele tem dimensão hoje no álcool, como tem dimensão no petróleo, como tem dimensão em outros produtos em que nós somos predominantes no mundo.

A vocês da Braskem, a vocês da indústria petroquímica, e aos nossos queridos companheiros da Petrobras, eu desejo que outras parcerias sejam feitas para que a gente venha participar do lançamento de outras pedras fundamentais.

Obrigado, boa sorte a todos vocês.